

# ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA PÚBLICA E A BNCC: DESAFIOS NO TRABALHO COM AS HABILIDADES ORAIS

Carolyne Mauricio da Silva <sup>1</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo investigar os desafios que professores de escola pública enfrentam no trabalho com as habilidades do Eixo Oralidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Três professores que trabalham em escolas públicas respondem a um questionário com dez perguntas sobre seu contexto de ensino e sobre as habilidades do Eixo Oralidade da BNCC. Como aporte teórico, lancei mão dos trabalhos de Coelho (2005), Miccoli (2007, 2008, 2016) e Santos (2022), que versam sobre as dificuldades inerentes ao ensino de língua inglesa na escola pública; Cipriano (2022), que discute sobre a BNCC e o ensino de língua inglesa e a própria BNCC (BRASIL, 2018). Por meio das respostas dos professores pôde-se constatar que, além das dificuldades inerentes ao contexto do ensino de línguas na escola pública, um dos principais desafios a serem enfrentados é a falta de motivação dos discentes, e uma das estratégias que podem ser empregadas para contornar esse desafio é explorar os benefícios do uso de tecnologias dentro e fora do contexto escolar.

**Palavras-chave:** oralidade; habilidades; motivação; ensino de línguas.

## INTRODUÇÃO

Atualmente, norteando o ensino de LI temos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que, ao contrário dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), sistematiza o ensino da LI dividindo-o em eixos, conferindo ao eixo Oralidade a atenção e importância que lhe é devida. Levando em consideração o contexto atual em que vivemos, no qual a LI desempenha o papel de *língua franca*, estreitando — com o auxílio das mídias digitais e redes sociais — as barreiras comunicativas entre pessoas de diferentes culturais e lugares do mundo, não faz sentido excluir as habilidades orais do ensino de LI.

Entretanto, diversos estudos apontam para a ineficiência do ensino de LE nas escolas brasileiras (Miccoli, 2016). É comum encontrarmos, especialmente em escolas

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Língua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande. Carolyne7@gmail.com

públicas, professores desmotivados e a crença entre alunos, professores, coordenadores e gestores de que é impossível aprender uma LE (Miccoli, 2016).

Diante das dificuldades inerentes a esse contexto de ensino (carga horária reduzida, salas superlotadas, estrutura precária, etc), e após a promulgação da BNCC, surge o questionamento: Os professores de LI de escolas públicas estão conseguindo trabalhar as habilidades do eixo Oralidade elencadas pelo documento? Assim, este trabalho tem como objetivo investigar os desafios enfrentados por professores de LI de escolas públicas no trabalho com as habilidades de compreensão e produção oral propostas pela BNCC.

Este trabalho se torna relevante por investigar a BNCC em sua relação com a sala de aula e todos que fazem parte dela. Ademais, é importante sondar como as habilidades orais estão sendo trabalhadas, pois, devido às dificuldades inerentes à escola pública, há a possibilidade de tais habilidades serem negligenciadas.

## **METODOLOGIA**

A fim de atingir os objetivos dessa pesquisa, um questionário com 10 perguntas (vide anexo 1) foi elaborado na plataforma *Google Forms* e contém perguntas sobre o contexto de ensino dos docentes e, mais especificamente, sobre o trabalho com as habilidades de compreensão e produção oral listadas na BNCC. Duas professoras e um professor foram escolhidos e contatados pela pesquisadora e aceitaram responder ao questionário.

Todos ensinam LI nos anos finais do ensino fundamental em escolas públicas: o professor (doravante P1) e uma das professoras (doravante P2) ensinam a LI em escola regular e a outra professora (doravante P3) em escola de tempo integral. Com relação ao tempo de trabalho como docentes de LI, P1 leciona a língua há doze anos, P2 há três anos e P3 há um ano e sete meses.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Conforme aponta Miccoli (2016), as escolas brasileiras estão distantes de proporcionar o contexto ideal para a aprendizagem de línguas estrangeiras. A autora comenta sobre a cultura da ineficiência, apontando para o fato de que os atores que fazem,

direta ou indiretamente, parte do ensino de LI – direção, coordenação, pais e alunos – não levem a sério o ensino desta língua.

Dentre as dificuldades que os professores da rede pública de ensino brasileira enfrentam diariamente em seus contextos de ensino está a precariedade do ambiente de ensino, falta de material didático e falta de uma formação continuada que realmente auxilia os docentes que almejam fazer a diferença. Ademais, as salas de aula com uma grande quantidade de alunos e a carga horária reduzida, especialmente para as aulas de língua estrangeira (LE), criam um contexto no qual parece impossível que sua aprendizagem seja satisfatória (COELHO, 2005).

Santos (2022) comenta que é comum entre professores e alunos de escolas públicas a crença de que não é possível ensinar/aprender habilidades orais e, por este motivo, há o foco nas habilidades de leitura e escrita. Ademais, o autor cita algumas barreiras que dificultam o trabalho das habilidades orais em sala de aula, como por exemplo, a falta de material adequado para atividades que englobem estas habilidades, e, por vezes, o desinteresse dos alunos, o que acaba desmotivando os docentes.

Entretanto, apesar dos obstáculos enfrentados nesse contexto de ensino, a aprendizagem de LE — e neste trabalho focarei na aprendizagem de Língua Inglesa (LI) —, “[...] tornou-se essencial para integrar-se à vida atual.” (MICCOLI, 2016, p. 16). Na atual conjuntura social na qual nossos alunos estão inseridos, presenciamos uma integração global graças as mídias digitais e redes sociais, o que pode facilitar o trabalho das habilidades orais ao expor os alunos a diversos usos autênticos da LI, e, assim, aumentar o interesse dos alunos pela disciplina e pelas habilidades orais.

Cipriano (2022) destaca o benefício do uso das tecnologias digitais na aula de LI, tendo em vista a facilidade ao acesso a textos orais que tais tecnologias proporcionam. Entretanto, apesar das diversas oportunidades que o professor possui de trabalhar as habilidades orais utilizando essas tecnologias, há desafios a serem enfrentados para que tais habilidades sejam ensinadas de fato. A autora pontua dois desafios: o número excessivo de alunos na sala de aula e a carga horária reduzida. No primeiro há a dificuldade em monitorar todos os alunos; no segundo há a pouca exposição dos alunos à LI.

Como possível solução, Cipriano (2022) aponta o uso das novas tecnologias. A pesquisa ressalta que seria mais fácil para o professor monitorar os alunos em grandes

turmas se estes utilizarem o celular para concluir atividades, por exemplo. Outra solução seria criar ambientes virtuais de aprendizagem, nos quais os alunos terão mais tempo de exposição à língua. Porém, é relevante pontuar que nem todos os alunos dispõem de aparelho celular e também se seria viável para alunos que estudam em tempo integral ter interesse e motivação em participar de aulas fora do horário escolar.

#### A BNCC e as habilidades de compreensão e produção oral

A BNCC destaca o atual contexto no qual discentes e docentes estão inseridos ao argumentar que “Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em mundo social cada vez mais globalizado e plural [...]” (BRASIL, 2018, p. 241). Vale igualmente ressaltar que a BNCC foca na função social e política da LI, não mais a postulando como língua estrangeira, numa visão claramente eurocêntrica. A LI possui agora o status de *língua franca*, o que significa afirmar que é necessário chamar a atenção do aluno para os vários usos da LI ao redor do mundo, não apenas em países onde a LI é a língua materna.

Nesse contexto, se compararmos a concepção de língua defendida pela BNCC com a concepção de língua e orientações propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), podemos afirmar que não faz sentido focar apenas na habilidade de leitura, tendo em vista a função social da LI. A BNCC confere à oralidade a importância que lhe é intrínseca, e o faz ao dividir a aprendizagem de LI nos anos finais do ensino fundamental em eixos. O primeiro eixo a ser explanado no documento é o eixo Oralidade, que “[...] envolve as práticas de linguagem em situações de uso oral da língua inglesa, com foco na compreensão (ou escuta) e na produção oral (ou fala) [...]” (BRASIL, 2018, p. 243).

O documento também chama a atenção para os tipos de práticas de linguagem oral que devem ser contempladas em sala de aula: práticas de linguagem oral presenciais, que envolvem o contato face a face, e práticas orais sem o contato face a face, por intermédio de mídias digitais. Ademais, há o comentário sobre a necessidade de explorar em sala de aula o campo das estratégias de compreensão, negociação de sentidos e de resolução de conflitos. (BRASIL, 2018)

Conforma ressalta Cipriano (2022), na BNCC a habilidade oral, ao contrário do que foi sugerido nos PCN, é tão importante quanto a habilidade de leitura; mais que isto,

o desenvolvimento das habilidades orais depende dos outros eixos (leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e gramaticais e dimensão intercultural) para ser trabalhado e desenvolvido com eficácia. Ademais, a autora pontua que no 6º ano, as habilidades sugeridas buscam desenvolver o afeto do aluno pela LI; no 7º ano, as habilidades elencadas estimulam a interação entre alunos; no 8º ano, há o incentivo para que o aluno produza textos orais de forma autônoma; e no 9º ano, o documento foca no uso da argumentação.

Assim, é relevante investigar como professores de LI dos anos finais do ensino fundamental de escolas públicas estão trabalhando as habilidades de compreensão e produção oral elencadas na BNCC, além de ouvir e refletir sobre o que está sendo feito e sobre os desafios e dificuldades enfrentados e como os docentes estão tentando superar tais dificuldades e desafios.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pergunta número 5 do questionário abordou a frequência com a qual consultam a BNCC para planejar suas aulas. P1 respondeu uma vez por semana e P2 uma vez por mês, e P3 a cada quinze dias. O motivo dessa pergunta foi sondar se os professores que aceitaram responder ao questionário consideram as habilidades sugeridas pela BNCC no seu planejamento diário, já que, como pontua Santos (2022), é comum a crença tanto de professores como de alunos de que aprender a LI na escola pública não funciona, o que pode causar a falta de motivação e desinteresse em planejar aulas por parte dos docentes.

Quando indagados sobre a relevância das habilidades de compreensão e produção oral para a sua prática docente, os professores responderam:

P1: Orientações com foco na aprendizagem são sempre bem vindas, considerando que nos deparamos com diferentes situações em sala de aula também diversas.

P2: Eu gosto muito de trabalhar habilidades de compreensão oral com os alunos, porque quando eu tinha a idade deles eu praticava bastante ouvindo música, vendo a letra, buscando a tradução e cantando junto. No final, aprendi muito vocabulário assim. Por isso, eu sempre procuro uma música, um áudio ou vídeo em inglês para trabalhar com eles também. Os alunos recebem bem a proposta e até pedem para trazer mais vezes.

P3: É de grande importância para que os alunos tenham contato com a língua de forma completa.

As asserções acima, especialmente as respostas de P2 e P3, são evidência do que afirma Miccoli (2016) sobre como é fundamental que o ensino da LI seja pautado no contexto de globalização no qual vivemos, o qual diminui as fronteiras linguísticas e facilita o acesso à LI oral, por diversos meios, inclusive citados por P2 (música, áudio, vídeo). P1, por sua vez, ressalta as “[...] diferentes situações em sala de aula [...]”, e são tais situações que podem causar dificuldades no trabalho com as habilidades orais.

Sobre tais dificuldades, os professores responderam:

P1: O próprio alunado não ajuda no progresso de ensino aprendizagem. Junto a isso temos ainda as condições oferecidas pela escola.

P2: O livro didático adotado tem um nível alto para a realidade dos alunos e preciso adaptar as atividades. A internet da zona rural também é uma dificuldade relevante.

P3: A maior dificuldade se até a barreira que os alunos criam com a pronúncia das palavras em língua inglesa.

A dificuldade de P1 nos remete à precariedade dos ambientes de ensino discutida por Coelho (2005), ao se referir às “[...] condições oferecidas pela escola [...]”. Vale salientar que dois dos três professores comentaram sobre os alunos, que não ajudam no próprio processo de aprendizagem, e, como ressaltou P3, criam obstáculos com relação à pronúncia de palavras em LI. É possível que a criação dessas barreiras esteja diretamente relacionada às crenças que os alunos de P3 têm sobre aprendizagem de LI (SANTOS, 2022) e, mais especificamente, sobre a pronúncia da LI.

Diante das dificuldades relatadas pelos professores acredito que uma das estratégias para aqueles professores que almejam que seus alunos aprendam habilidades orais é focar naquelas habilidades da BNCC que seriam mais viáveis de serem trabalhadas tendo em vista o contexto de ensino/aprendizagem no qual estão inseridos. Assim sendo, se os professores utilizam essa estratégia, seria natural que eles escolhessem algumas habilidades como mais relevantes de serem trabalhadas no seu contexto de ensino, e outras não tão relevantes assim. Eis as respostas<sup>2</sup> para a pergunta “Quais habilidades de

---

<sup>2</sup> P3 não respondeu à pergunta.

compreensão oral propostas pela BNCC você considera mais relevantes para a sua prática? E quais seriam menos relevantes?”:

P1: Tendo em vista o nível de aprendizado dos alunos e alunas que dispomos, parto só princípio da habilidade (EF06LI01), que eles elas sejam capazes de interagir oralmente pelo menos com o professor e os colegas do ambiente de sala de aula, assim alcance a iniciativa de interagir em outros ambientes em que favoreça tal prática.

P2: mais relevantes:(EF06LI03) Solicitar esclarecimentos em língua inglesa sobre o que não entendeu e o significado de palavras ou expressões desconhecidas. (EF09LI03) Analisar posicionamentos defendidos e refutados em textos orais sobre temas de interesse social e coletivo. (EF07LI02) Entrevistar os colegas para conhecer suas histórias de vida (EF07LI01) Interagir em situações de intercâmbio oral para realizar as atividades em sala de aula, de forma respeitosa e colaborativa, trocando ideias e engajando-se em brincadeiras e jogos. as menos relevantes: (EF08LI04) Utilizar recursos e repertório linguísticos apropriados para informar/comunicar/falar do futuro: planos, previsões, possibilidades e probabilidades. (EF09LI04) Expor resultados de pesquisa ou estudo com o apoio de recursos, tais como notas, gráficos, tabelas, entre outros, adequando as estratégias de construção do texto oral aos objetivos de comunicação e ao contexto.

A resposta de P1 para essa pergunta, bem com sua resposta sobre as dificuldades de seu contexto de trabalho, evidencia um ambiente difícil de trabalhar a LI, o que faz com que o docente não foque nas demais habilidades orais da BNCC, mas sim no básico. É possível depreender que o professor trabalha a mesma habilidade (EF06LI01) para todas as turmas, o que seria compreensível levando em consideração suas dificuldades, mas também preocupante imaginar que os alunos de P1 não estão avançando na aprendizagem das habilidades orais. P2 aparenta dar mais atenção à BNCC, adequando-a à sua realidade, e através de suas afirmações é possível entender que seu contexto de ensino é mais favorável para trabalhar a LI do que P1.

Levando em consideração o que Santos (2022) afirma sobre os fatores que acabem desestimulando o professor de LI no trabalho com as habilidades orais, a exemplo do comportamento dos alunos durante atividades cujo foco é a oralidade, surge a indagação: como os alunos se comportam em atividades desse tipo? Para esse questionamento, os professores responderam:

P1: Infelizmente é dada pouca atenção. A maioria deles não demonstra o interesse pleno pela aprendizagem.

P2: Eles gostam, fazem silêncio para ouvir o áudio em inglês. Como muitos são competitivos, ficam querendo entender o que

foi dito. Na produção oral em Inglês é mais difícil, pouquíssimos alunos têm uma base para ter diálogo na língua inglesa. Como alternativa, fazemos as entrevistas em português.

P3: No primeiro momento eles se sentem envergonhados porém, conforme a aula vai fluindo, eles se sentem à vontade para participar e tentar pronunciar algumas frases.

Os alunos de P2 e P3 parecem ser mais motivados para aprender as habilidades orais. P2 ressalta o fato de que a habilidade de produção oral é mais difícil de ser trabalhada, e podemos destacar aqui que, possivelmente, a professora enfrenta os desafios elencados por Cipriano (2022): número excessivo de alunos e carga horária reduzida. A professora parece realmente motivada em auxiliar seus alunos na aquisição das habilidades orais, e se conseguisse desenvolver estratégias para contornar tais desafios, os alunos poderiam avançar na aprendizagem. P1, por sua vez, além de possivelmente enfrentar os desafios citados, enfrenta ainda um terceiro desafio: a falta de motivação de seus alunos.

É provável que um dos fatores que contribui para a falta de motivação e interesse dos alunos seja os tipos de atividades e a forma como tais atividades são trabalhadas. Como destaca Cipriano (2022), é importante o professor de LI incorporar em suas aulas as novas tecnologias, o que pode tornar as aulas mais interessantes e motivar os alunos. Isto posto, é relevante investigar que tipos de atividades, com foco na oralidade, estão sendo trabalhadas e como os alunos se comportam no momento das atividades. Estas foram as respostas dos professores sobre as atividades com foco nas habilidades orais da BNCC:

P1: Dentre as utilizadas podemos citar as práticas de oralidade com foco em palavras de vocabulário geral, tais como família, corpo humano, comidas. Inclusive o trabalho com músicas, buscando uma compreensão básica do assunto e/ou o conteúdo sentimental das mesmas.

P2: Nas atividades de listening, utilizamos áudios em inglês que retiro do livro didático ou músicas. Geralmente eu dou o play e vou escrevendo no quadro o que foi dito no áudio. Depois, procuramos palavras que conhecemos, traduzimos para português e respondemos questões sobre o que foi abordado no conteúdo do áudio. Também fizemos atividades em que eles precisam entrevistar o colega de turma.

P3: Trabalhei o poema *Annabel Lee* de Edgar Allan Poe. Primeiramente mostrei e li para a turma o objetivo da aula, expliquei que a aula seria focada na leitura de um poema que tinha uma melodia peculiar. Em seguida, fiz a leitura do poema em inglês, logo após, utilizei um áudio de um nativo lendo o texto. Com isso fizemos uma leitura compartilhada enfatizando o ritmo, a rima, a construção e o tipo de linguagem utilizada e



alguns alunos tentaram fazer sua leitura em voz alta. Por fim, ouvimos a adaptação do poema para o português.

É perceptível que as atividades de P1 e P3 têm maior foco nas práticas de linguagem oral sem o contato face a face (BRAZIL, 2018), através da utilização de áudios, e músicas, embora P1 não comente com detalhes como é o trabalho com vocabulário. P2, por sua vez, faz uso de práticas de linguagem oral com contato face a face (entrevista) e também faz uso de áudios. É relevante salientar que P3 descreve uma atividade que combina compreensão leitora com compreensão oral, o que é benéfico para o ensino de LI porque, conforme aponta Cipriano (2022), o desenvolvimento do eixo oralidade da BNCC dependem do desenvolvimento dos demais eixos elencados no documento.

A forma como os educandos respondem à tais atividades também é relevante na eficácia das mesmas. Eis as respostas dos professores quando indagados sobre o comportamento dos alunos nas aulas cujo foco são as habilidades orais propostas pela BNCC:

P1: Infelizmente é dada pouca atenção. A maioria deles não demonstra o interesse pleno pela aprendizagem.

P2: Eles gostam, fazem silêncio para ouvir o áudio em inglês. Como muitos são competitivos, ficam querendo entender o que foi dito. Na produção oral em inglês é mais difícil, pouquíssimos alunos têm uma base para ter diálogo na língua inglesa. Como alternativa, fazemos as entrevistas em português.

P3: No primeiro momento eles se sentem envergonhados, porém, conforme a aula vai fluindo, eles se sentem à vontade para participar e tentar pronunciar algumas frases

Mais uma vez vemos que a realidade do contexto de trabalho de P1 contrasta com o contexto de trabalho de P2 e P3. P2 aparenta ter mais sucesso nas atividades de compreensão oral e P3 nas de produção oral. Porém, o que chama a atenção na resposta de P2 é a afirmação de que “[...] pouquíssimos alunos tem base para ter diálogo na língua inglesa.”, o que nos leva a questionar o que poderia ser feito para auxiliar os alunos a construir essa base para participarem melhor das atividades de produção oral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho objetivou-se investigar os desafios enfrentados por professores de LI de escolas públicas no desenvolvimento das habilidades do eixo Oralidade da BNCC. Um questionário foi elaborado contendo questões sobre o contexto de ensino dos docentes e sobre as habilidades do eixo Oralidade da BNCC. Três professores, oriundos de escolas públicas, responderam ao questionário.

Além das dificuldades que fazem parte da maioria das escolas públicas, um dos professores que respondeu ao questionário enfrenta outra dificuldade: a falta de motivação de seus alunos. Neste sentido, como solução, é válido retomar a sugestão de Cipriano (2022) sobre o uso das novas tecnologias ou criar ambientes virtuais de aprendizagem, caso os alunos não possuem acesso à internet na escola. Nesse contexto, caberia investigar também se o professor em questão considera o interesse dos alunos no seu planejamento, o que poderia aumentar significativamente a motivação dos discentes.

Uma das professoras, que trabalha em escola integral, aparenta gostar de trabalhar com as habilidades orais. A docente afirmou que uma das dificuldades que ela e os alunos enfrentam é com relação à pronúncia das palavras em Língua Inglesa. Na escola integral tal dificuldade pode ser sanada com auxílio de disciplinas extras, como Eletiva e Estudo Orientado, que são ofertadas nas escolas integrais.

A outra professora, que trabalha em escola regular, aparenta ser bastante motivada para trabalhar as habilidades orais, porém ressaltou que os alunos apresentam dificuldades com relação à produção oral. Uma possível solução para tais dificuldades seria também criar ambientes virtuais de aprendizagem dependendo do interesse e disponibilidade da professora e dos alunos.

Por fim, este trabalho focou nos desafios enfrentados pelos docentes, mas outras pesquisas podem surgir baseadas nesta, como, por exemplo, na área de crenças no ensino de línguas, investigando as crenças que docentes e discentes possuem com relação às habilidades orais, e sobre ensino de LI, habilidades orais e motivação.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional comum curricular**. 2ª versão revista. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/bncc-](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/bncc-2versao.revista.pdf)

2versao.revista.pdf> Acesso em 01 de fevereiro de 2024

CIPRIANO, A.P.T.M.S. Documentos oficiais e oralidade em língua adicional no ensino básico. In: PINHO, J.R.D. (org.) **A oralidade no ensino de línguas estrangeiras**. 1ª edição. São Paulo: Parábola editorial, 2022.

COELHO, H.S.H. “**É possível aprender Inglês na escola?**” **Crenças de professores e alunos sobre o ensino de Inglês em escolas públicas**. 2005. Dissertação (Pós-graduação em Estudos linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

CUNHA, A.G.; MICCOLI, L. **Faça a diferença: ensinar línguas estrangeiras na educação básica**. 1ª ed. São Paulo: Parábola editorial, 2016.

SANTOS, W.M. **Sequencia didática e oralidade em aulas de Língua Inglesa: Estudo de caso em uma turma de Ensino Médio**. 44 p. 2022. Monografia (Linguística Aplicada). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022.

!